

**UMA CONVERSA INFORMAL**

**SOBRE**

**HOMOSSEXUALISMO**

Rita Colaço

Copyright by Rita Colaço

Edição de maio 1984

Endereço para: Caixa Postal 78285  
CEP 20001 - Duque de Caxias, RJ  
Brasil

**UMA CONVERSA  
INFORMAL  
SOBRE  
HOMOSSEXUALISMO**

Colaço, Rita, 1960 -

Uma conversa informal sobre homossexualidade - Rio de Janeiro: R. Colaço, 1984. - 78p.

Rita Colaço

1 Homossexualidade e Sociedade - Comp. documental

CEP - 801 4183

Ficha catalográfica enviada especialmente por Maria Lúcia de Góes

Impresso na E.P. Art. Gráfica e Editora Ltda.  
Rua Gal. Caldwell, 218 - RJ  
Tel.: 224-2944



Copyright by Rita Colaço

Edição do autor, 1984.

Pedidos para; Caixa Postal 76232

CEP 25001 - Duque de Caxias, RJ

Brasil

Ficha catalográfica

UMA CONVERSA  
INFORMAL  
SOBRE  
HOMOSSEXUALISMO

Colaço, Rita, 1960-

Uma conversa informal sobre homossexualismo / Rita Colaço. — Rio de Janeiro: R. Colaço, 1984.

78p.

Bibliografia : p. 69-70.

1. Homossexualismo. 2 Sexualidade. 3 Comportamento.

CDD - 301 4157

Ficha catalográfica gentilmente preparada por Maria Elizabeth Dacol.

Impresso na El' Art Gráfica e Editora Ltda.

Rua Gal. Caldwell, 219 - RJ

Tel. : 224-2944

Este trabalho é especialmente dedicado a Angela M. Soares, companheira e amiga, pela sua colaboração e incentivo. Dedico-o, também, a todas as pessoas, principalmente as da Baixada Fluminense, que lutaram e lutam de alguma forma para diminuir a repressão e o isolamento impostos aos homossexuais.

Expressamos aqui o nosso sincero agradecimento a todas as pessoas que de algum modo contribuíram para a sua realização.



## ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	1
CAPÍTULO I	
1. O QUE É HOMOSSEXUALISMO?	13
1.1 Os michês também são homossexuais?	16
1.2 E os chamados bissexuais?	17
1.3 Homossexualidade e violência	19
1.4 Homossexualidade e discriminação	20
1.5 Lesbianismo e invisibilidade	21

Este trabalho é especialmente dedicado a Angélica M. Soares, como-  
nhaire e amiga, pela sua colaboração e incentivo. Dedico-o, também, a  
todas as pessoas, principalmente as da Grande Florianópolis, que lutam  
e lutam de alguma forma para diminuir a repressão e o isolamento im-  
postos aos homossexuais.

## ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	1
CAPÍTULO I	
1. O QUE É HOMOSSEXUALISMO?	13
1.1 Os michês também são homossexuais?	16
1.2 E os chamados bissexuais?	17
1.3 Homossexualidade e violência	19
1.4 Homossexualidade e discriminação	20
1.5 Lesbianismo e invisibilidade	21

Expressamos aqui o nosso sincero agradecimento a todas as pessoas  
que de algum modo contribuíram para a realização deste livro.

## ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	1
CAPÍTULO I	
1. O QUE É HOMOSSEXUALISMO?	13
1.1 Os michês também são homossexuais?	16
1.2 E os chamados bissexuais?	17
1.3 Homossexualidade e violência	19
1.4 Homossexualidade e discriminação	20
1.5 Lesbianismo e invisibilidade	21

## ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	1
CAPÍTULO I	
1. O QUE É HOMOSSEXUALISMO?	13
1.1 Os michês também são homossexuais?	16
1.2 E os chamados bissexuais?	17
1.3 Homossexualidade e violência	19
1.4 Homossexualidade e discriminação	20
1.5 Lesbianismo e invisibilidade	21

## ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	1
CAPÍTULO I	
1. O QUE É HOMOSSEXUALISMO?	13
1.1 Os michês também são homossexuais?	16
1.2 E os chamados bissexuais?	17
1.3 Homossexualidade e violência	19
1.4 Homossexualidade e discriminação	20
1.5 Lesbianismo e invisibilidade	21

## ÍNDICE

Pág.

APRESENTAÇÃO	1
CAPÍTULO I	
1. O QUE É HOMOSSEXUALISMO?	13
1.1 Os michês também são homossexuais?	16
1.2 E os chamados bissexuais?	17
1.3 Homossexualidade e violência	19
1.4 Homossexualidade e discriminação	20
1.5 Lesbianismo e invisibilidade	21
CAPÍTULO II	
2. POR QUE SE É HOMOSSEXUAL?	24
2.1 A História dos costumes sexuais	24
2.2 A História da repressão sexual e a Homossexualidade	27
2.3 Auto-repressão	28
2.4 Fantasia e Carnaval	29
CAPÍTULO III	
3. REPRODUÇÃO CARICATA DOS PAPEIS SEXUAIS E ESTER- EOTÍPIA DA PASSIVIDADE	30
3.1 O mito da "transmissão" da AIDS	31
3.2 O mito da "transmissão" da hepatite B	32
3.3 O mito da "transmissão" da sífilis	33
3.4 O mito da "transmissão" da toxoplasmose	34
3.5 O mito da "transmissão" da rubéola	35
3.6 O mito da "transmissão" da toxocaríase	36
3.7 O mito da "transmissão" da toxocara	37
3.8 O mito da "transmissão" da toxocaríase	38
3.9 O mito da "transmissão" da toxocaríase	39
3.10 O mito da "transmissão" da toxocaríase	40
3.11 O mito da "transmissão" da toxocaríase	41
3.12 O mito da "transmissão" da toxocaríase	42
3.13 O mito da "transmissão" da toxocaríase	43
3.14 O mito da "transmissão" da toxocaríase	44
3.15 O mito da "transmissão" da toxocaríase	45
3.16 O mito da "transmissão" da toxocaríase	46
3.17 O mito da "transmissão" da toxocaríase	47
3.18 O mito da "transmissão" da toxocaríase	48
3.19 O mito da "transmissão" da toxocaríase	49
3.20 O mito da "transmissão" da toxocaríase	50
3.21 O mito da "transmissão" da toxocaríase	51
3.22 O mito da "transmissão" da toxocaríase	52
3.23 O mito da "transmissão" da toxocaríase	53
3.24 O mito da "transmissão" da toxocaríase	54
3.25 O mito da "transmissão" da toxocaríase	55
3.26 O mito da "transmissão" da toxocaríase	56
3.27 O mito da "transmissão" da toxocaríase	57
3.28 O mito da "transmissão" da toxocaríase	58
3.29 O mito da "transmissão" da toxocaríase	59
3.30 O mito da "transmissão" da toxocaríase	60
3.31 O mito da "transmissão" da toxocaríase	61
3.32 O mito da "transmissão" da toxocaríase	62
3.33 O mito da "transmissão" da toxocaríase	63
3.34 O mito da "transmissão" da toxocaríase	64
3.35 O mito da "transmissão" da toxocaríase	65
3.36 O mito da "transmissão" da toxocaríase	66
3.37 O mito da "transmissão" da toxocaríase	67
3.38 O mito da "transmissão" da toxocaríase	68
3.39 O mito da "transmissão" da toxocaríase	69
3.40 O mito da "transmissão" da toxocaríase	70
3.41 O mito da "transmissão" da toxocaríase	71
3.42 O mito da "transmissão" da toxocaríase	72
3.43 O mito da "transmissão" da toxocaríase	73
3.44 O mito da "transmissão" da toxocaríase	74
3.45 O mito da "transmissão" da toxocaríase	75
3.46 O mito da "transmissão" da toxocaríase	76
3.47 O mito da "transmissão" da toxocaríase	77
3.48 O mito da "transmissão" da toxocaríase	78
3.49 O mito da "transmissão" da toxocaríase	79
3.50 O mito da "transmissão" da toxocaríase	80
CAPÍTULO IV	
4. REPRODUÇÃO CARICATA DOS PAPEIS SEXUAIS E ESTER- EOTÍPIA DA PASSIVIDADE	80
4.1 O mito da "transmissão" da toxocaríase	81
4.2 O mito da "transmissão" da toxocaríase	82
4.3 O mito da "transmissão" da toxocaríase	83
4.4 O mito da "transmissão" da toxocaríase	84
4.5 O mito da "transmissão" da toxocaríase	85
4.6 O mito da "transmissão" da toxocaríase	86
4.7 O mito da "transmissão" da toxocaríase	87
4.8 O mito da "transmissão" da toxocaríase	88
4.9 O mito da "transmissão" da toxocaríase	89
4.10 O mito da "transmissão" da toxocaríase	90
4.11 O mito da "transmissão" da toxocaríase	91
4.12 O mito da "transmissão" da toxocaríase	92
4.13 O mito da "transmissão" da toxocaríase	93
4.14 O mito da "transmissão" da toxocaríase	94
4.15 O mito da "transmissão" da toxocaríase	95
4.16 O mito da "transmissão" da toxocaríase	96
4.17 O mito da "transmissão" da toxocaríase	97
4.18 O mito da "transmissão" da toxocaríase	98
4.19 O mito da "transmissão" da toxocaríase	99
4.20 O mito da "transmissão" da toxocaríase	100
4.21 O mito da "transmissão" da toxocaríase	101
4.22 O mito da "transmissão" da toxocaríase	102
4.23 O mito da "transmissão" da toxocaríase	103
4.24 O mito da "transmissão" da toxocaríase	104
4.25 O mito da "transmissão" da toxocaríase	105
4.26 O mito da "transmissão" da toxocaríase	106
4.27 O mito da "transmissão" da toxocaríase	107
4.28 O mito da "transmissão" da toxocaríase	108
4.29 O mito da "transmissão" da toxocaríase	109
4.30 O mito da "transmissão" da toxocaríase	110
4.31 O mito da "transmissão" da toxocaríase	111
4.32 O mito da "transmissão" da toxocaríase	112
4.33 O mito da "transmissão" da toxocaríase	113
4.34 O mito da "transmissão" da toxocaríase	114
4.35 O mito da "transmissão" da toxocaríase	115
4.36 O mito da "transmissão" da toxocaríase	116
4.37 O mito da "transmissão" da toxocaríase	117
4.38 O mito da "transmissão" da toxocaríase	118
4.39 O mito da "transmissão" da toxocaríase	119
4.40 O mito da "transmissão" da toxocaríase	120
4.41 O mito da "transmissão" da toxocaríase	121
4.42 O mito da "transmissão" da toxocaríase	122
4.43 O mito da "transmissão" da toxocaríase	123
4.44 O mito da "transmissão" da toxocaríase	124
4.45 O mito da "transmissão" da toxocaríase	125
4.46 O mito da "transmissão" da toxocaríase	126
4.47 O mito da "transmissão" da toxocaríase	127
4.48 O mito da "transmissão" da toxocaríase	128
4.49 O mito da "transmissão" da toxocaríase	129
4.50 O mito da "transmissão" da toxocaríase	130
4.51 O mito da "transmissão" da toxocaríase	131
4.52 O mito da "transmissão" da toxocaríase	132
4.53 O mito da "transmissão" da toxocaríase	133
4.54 O mito da "transmissão" da toxocaríase	134
4.55 O mito da "transmissão" da toxocaríase	135
4.56 O mito da "transmissão" da toxocaríase	136
4.57 O mito da "transmissão" da toxocaríase	137
4.58 O mito da "transmissão" da toxocaríase	138
4.59 O mito da "transmissão" da toxocaríase	139
4.60 O mito da "transmissão" da toxocaríase	140
4.61 O mito da "transmissão" da toxocaríase	141
4.62 O mito da "transmissão" da toxocaríase	142
4.63 O mito da "transmissão" da toxocaríase	143
4.64 O mito da "transmissão" da toxocaríase	144
4.65 O mito da "transmissão" da toxocaríase	145
4.66 O mito da "transmissão" da toxocaríase	146
4.67 O mito da "transmissão" da toxocaríase	147
4.68 O mito da "transmissão" da toxocaríase	148
4.69 O mito da "transmissão" da toxocaríase	149
4.70 O mito da "transmissão" da toxocaríase	150
4.71 O mito da "transmissão" da toxocaríase	151
4.72 O mito da "transmissão" da toxocaríase	152
4.73 O mito da "transmissão" da toxocaríase	153
4.74 O mito da "transmissão" da toxocaríase	154
4.75 O mito da "transmissão" da toxocaríase	155
4.76 O mito da "transmissão" da toxocaríase	156
4.77 O mito da "transmissão" da toxocaríase	157
4.78 O mito da "transmissão" da toxocaríase	158
4.79 O mito da "transmissão" da toxocaríase	159
4.80 O mito da "transmissão" da toxocaríase	160
4.81 O mito da "transmissão" da toxocaríase	161
4.82 O mito da "transmissão" da toxocaríase	162
4.83 O mito da "transmissão" da toxocaríase	163
4.84 O mito da "transmissão" da toxocaríase	164
4.85 O mito da "transmissão" da toxocaríase	165
4.86 O mito da "transmissão" da toxocaríase	166
4.87 O mito da "transmissão" da toxocaríase	167
4.88 O mito da "transmissão" da toxocaríase	168
4.89 O mito da "transmissão" da toxocaríase	169
4.90 O mito da "transmissão" da toxocaríase	170
4.91 O mito da "transmissão" da toxocaríase	171
4.92 O mito da "transmissão" da toxocaríase	172
4.93 O mito da "transmissão" da toxocaríase	173
4.94 O mito da "transmissão" da toxocaríase	174
4.95 O mito da "transmissão" da toxocaríase	175
4.96 O mito da "transmissão" da toxocaríase	176
4.97 O mito da "transmissão" da toxocaríase	177
4.98 O mito da "transmissão" da toxocaríase	178
4.99 O mito da "transmissão" da toxocaríase	179
4.100 O mito da "transmissão" da toxocaríase	180
CONCLUSÃO	181
BIBLIOGRAFIA	182
SUGESTÕES PARA A LEITURA	183
UM PEQUENO VOCABULÁRIO	184
FOUNDAÇÃO PARA ANÁLISE (FORANAL)	185

bém a morte (René A. Spitz, in *Sexo e Vida*, A. Willy e colaboradores, 1961, p. 187). Assim também recentemente se procurou reprimir o sexo grupal nos EUA afirmando-se que tal prática provocava o herpes genital.

Como o "mal do século" é o câncer, que a todos apavora e preocupa por não haver ainda uma cura total, nada mais adequado para inibir o homossexualismo do que a divulgação pela imprensa sensacionalista e inescrupulosa de que esta prática sexual acarreta um tipo de câncer — a deficiência imunológica, que rapidamente recebeu um apelido tupiniquim bastante eficaz: "peste-gay" ou "câncer-gay", de modo a formar rapidamente a crença (por associação de idéias) de que "ser gay dá câncer".

Ora, é necessário que adotemos uma postura menos crédula e mais crítica em relação às informações que nos são divulgadas, sejam elas de quais natureza forem. Reflitamos um pouco: o homossexual não pratica nenhum tipo de contato sexual que o heterossexual também não pratique. A felação, o coito-anal, a anilíngua, carícias oro-genitais, genitais-anais e oro-anais são praticadas tanto pelos heterossexuais quanto pelos homossexuais. Como então a disseminação de notícias sob o rótulo de "câncer-gay", ou "peste-gay"? Esta atitude nos parece profundamente irresponsável, anti-ética, preconceituosa e indigna de credibilidade.

Segundo o Dr. Veronese, do Hospital das Clínicas de São Paulo, uma das maiores autoridades brasileiras no assunto, a Síndrome da Deficiência Imunológica Adquirida (AIDS) foi detectada primeiramente em mulheres e crianças no Zaire, África<sup>6</sup> e não em homossexuais, como foi escandalosamente divulgado.

A descoberta desta deficiência, por seus altos índices de mortalidade e suas características epidêmicas, além da vinculação fácil e precipitada com o homossexualismo, foi acompanhada de forte envolvimento emocional tanto por parte dos médicos quanto por parte dos jornalistas, comprometendo assim estudos imparciais e conscienciosos, acarretando conseqüentemente a má informação da coletividade, na medida em que foram divulgadas informações fundadas em preconceitos e tendentes a reprimir uma conduta discordante.

<sup>6</sup> Cf. Luiz Mott, em carta ao *Jornal A Tarde*, Salvador, BA, 27.05.1984).

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), como o próprio nome já diz, é uma deficiência do organismo para combater infecções. O nosso corpo possui elementos próprios para reagir quando atacado por vírus, bactérias, etc. Esses elementos constituem o nosso sistema imunológico. A deficiência imunológica significa a incapacidade do organismo para reagir quando atacado por certas enfermidades.

Desprovido de seus elementos de contra-ataque na luta contra a doença, o organismo não tem condições de reagir, ficando completamente vulnerável às enfermidades que o atacam de forma letal. Essas enfermidades são de origem infecciosa e se apresentam de tipos diversos: sarcoma de Kaposi, pneumonia por pneumocystis carini e as que os especialistas denominam de "doenças oportunistas graves", que englobam vários outros tipos de infecções: meningite, encefalite, etc.

Estas infecções estão passíveis de serem contraídas por quaisquer pessoas, havendo até relatos de que doença semelhante pode ocorrer em macacos, não estando esclarecido todavia, qual a correlação entre os distintos grupos que já a contraíram, ou seja, qual o fator de risco que engloba negros, haitianos, mulheres e homens heterossexuais, hemofílicos, drogados por via venosa, homossexuais, crianças e até mesmo macacos. Se as estatísticas demonstram que a pneumonia por pneumocystis carini tem sido responsável pela maioria dos casos detectados, inclusive com maior índice de mortalidade, quais são as características desse agente (pneumocystis carini)? Se a origem é infecciosa, não seria o caso de se atentar para as reais condições de saúde das populações, tendo-se em vista os índices alarmantes de D.S.T. e o ineficiente trabalho governamental no sentido de esclarecer as comunidades e propiciar meios eficazes ao tratamento e erradicação dessas enfermidades? Estes grupos vitimados pela AIDS já não se encontravam antes em estado de infecção crônica, propiciado por baixos níveis de saúde e higiene?

Há que se pesquisar exaustiva e desapassionadamente a origem desta enfermidade e divulgar à sociedade os resultados obtidos periodicamente, de modo que toda população tenha acesso às informações verdadeiras e realmente científicas.

## MOVIMENTO HOMOSSEXUAL

O Movimento Homossexual ou Movimento de Liberação Homossexual teve início, segundo o registro de Ebel Botero, em meados do século XVI, na Espanha, quando um grupo de anônimos homossexuais da

cidade de Valência resolveram protestar contra as autoridades que os reprimiam e torturavam. A reação do governo foi violenta, sufocando o movimento e dizimando de forma sangrenta os revoltosos.

Depois, em meados de 1890, se iniciou na Europa, vários movimentos de Libertação, encabeçados pelo médico alemão Magnus Hirschfeld, precursor da moderna sexologia, diretor e fundador do Instituto de Ciência Sexual na Alemanha. Este eminente cientista, ele próprio homossexual, conseguiu modificar a visão oficial com relação ao sexo através da revogação do artigo 157 do Código Penal Alemão que punia a prática homossexual entre homens. Pode-se dizer que este médico foi um dos grandes ativistas do Movimento de Libertação Homossexual. Várias vezes arriscou sua vida em prol de seus ideais, chegando mesmo a ser brutalmente espancado pelos nazistas, que arrasaram o seu Instituto.

À época de Hirschfeld havia na Inglaterra um outro precursor do Movimento de Libertação: o escritor Edward Carpenter, libertário na teoria e na prática. Outros escritores, homossexuais ou não, também apoiaram o movimento: George B. Shaw, Edward Bernstein, Thomas Mann, Einstein, Herman Hesse, Tolstói, entre outros.

Em 1917, no início da Revolução Russa, os socialistas apoiavam o Movimento e havia mesmo um certo tipo de fraternidade entre os bolcheviques e os homossexuais. O próprio Lênin apoiou a liberdade sexual e aboliu as leis soviéticas anti-homossexuais. Porém, com a ascensão de Stalin ao poder na Rússia em fins da década de 1920, houve uma radical mudança e os socialistas passaram a prender, perseguir e expulsar os homossexuais, que passaram a ser vistos como produto da decadência burguesa, enquanto que para os nazistas eram tidos como "bolcheviques sexuais".

Na década de 30, em consequência da cruenta perseguição imposta tanto pelos nazistas como pelos socialistas, o movimento perdeu seu impulso.

Ao final da Segunda Guerra surgiu na Holanda um grupo denominado Círculo Shakespeariano que realizava reuniões periódicas para discussão de assuntos literários e questões homossexuais. Em 1948 o Clube já dispunha de uma boa estrutura administrativa e funcionava em tempo integral, oferecendo inúmeros serviços aos seus associados. O resultado foi tão positivo que em 1951 surgiu o Comitê Internacional em prol da Igualdade Sexual, chegando a efetuar conferências em vários países. Infelizmente, sete anos após o Comitê teve que encerrar suas atividades.

Em 1960, porém, o movimento volta a se organizar na Europa e também nos Estados Unidos. Novos grupos de defesa dos direitos dos homossexuais são criados, agora com publicações periódicas. Uma data que é festejada quase em todo o mundo e que está para os homossexuais assim como a "Queda da Bastilha" está para os revolucionários franceses, é o dia 28 de junho, denominado "*Dia do Orgulho Gay*". Nesta data, em 1969, a polícia invadiu o bar homossexual "Stonewall Inn", prendendo e espancando seus ocupantes. Os homossexuais, entrincheirados no bar, defenderam sua liberdade sexual e seu espaço como podiam. Foi uma luta sangrenta que se estendeu por todo o final de semana (era uma sexta-feira), e significa o "basta" dado pelos homossexuais americanos à repressão e à violência. Atualmente, todos os anos nesta data, os homossexuais se reúnem em passeata pela Quinta Avenida em Nova Iorque, protestando contra a discriminação e reivindicando seus direitos.

Hoje, os homossexuais contam com várias organizações na Europa, nos Estados Unidos e até mesmo na América Latina. Nos EUA, na cidade de São Francisco — Califórnia, os homossexuais se uniram em comunidades fechadas, desenvolvendo o espírito de fraternidade e cooperação e conquistando poder de pressão (os políticos que se candidatam aos cargos eletivos procuram inserir em suas plataformas promessas de atendimento de suas reivindicações, em razão de eles representarem um percentual majoritário no total dos votos).

No Brasil, pelo que temos notícia começou a haver uma tentativa de organização a partir de 1959, 1960, com a publicação do primeiro jornal homossexual, o Snob, surgido a princípio de uma brincadeira e que desencadeou o aparecimento de mais de 27 publicações semelhantes, além do mais importante deles (pela sua abrangência): o Lampião, em 1978. Esses jornais eram feitos de forma artesanal, mas muito criativa. Não dispunham de uma estrutura comercial, sendo confeccionados em xerox, mimeógrafo ou mesmo numa simples folha datilografada que circulava de mão em mão. Com o golpe de 1964 houve uma parada nessas publicações, só retornando em 1976 com o Gente Gay (RJ) e Mundo Gay (SP), já com melhores recursos: off set, sistema de distribuição englobando algumas bancas de jornais, vendas de assinaturas e umas poucas propagandas. Com a "abertura", em 1978, surge no RJ o Lampião (verdadeiro divisor de águas do movimento), dotado de estrutura comercial bem mais sólida, com penetração em todos os Estados do País e

no exterior, fornecendo mensalmente uma enorme gama de informações sobre as minorias em geral e homossexual em particular.

Atuante, informativo, aglutinador, combativo, esse jornal teve inquérito instaurado contra ele na Polícia Federal em 1978 (Inquérito nº 25/78), por solicitação do Ministério a Justiça, baseando-se na alegação de ser "atentatório à moral e aos bons costumes". Houve então uma mobilização nacional de seus leitores com elaboração de inúmeros abaixo-assinados e cartas de solidariedade. A Associação Brasileira de Imprensa (ABI) igualmente manifestou-se solidária e seus advogados se encarregaram de defender o jornal e o inquérito foi finalmente arquivado em novembro de 1979 a pedido do Procurador da República. Dr. Sérgio Ribeiro da Costa, que foi aceito pelo Juiz da 4ª Vara Federal, Dr. Ariosto de Resende Rocha.

Em junho de 1981, com a recessão econômica que se abate sobre o País e a exemplo do que ocorreu com tantos outros jornais alternativos que não puderam suportar as drásticas elevações nos custos de produção e acentuadas quedas na demanda de mercado, o *Lampião da Esquina* Editora deixava de circular após a publicação pontual de 37 números.

Ato contínuo ao desaparecimento do jornal *Lampião*, surge nas bancas a revista erótica homossexual "Pleigui", com nus masculinos, catálogos de porno-shop's e alguns artigos. Esta revista teve poucos números publicados, vindo a desaparecer logo após o seu lançamento. Também de igual gênero surge depois a revista "Gayvota".

Na Baixada Fluminense, em 1982, cria-se o *Boca Negra*, que inicialmente circula por xerox e depois mimeografado, sendo vendido de mão em mão, tendo seu principal ponto de vendas em um barzinho entendido de São João de Meriti. Este jornalzinho artesanal e de circulação breve entra para a história das publicações homossexuais brasileiras com pelo menos duas características singulares: o único produzido na região e também o único criado por mulheres. Suas idealizadoras, na época, não tinham nenhum conhecimento das experiências artesanais anteriores, só conhecendo os jornais da "segunda geração": *Mundo Gay* e *Lampião*. Segundo elas, a idéia surgiu em função das necessidades específicas da comunidade local.

### Publicações Homossexuais que Circularam no Brasil

Estado	Título	Responsável	Ano
RJ	SNOB	Gilka Dantas	59/60
RJ	Le Femme	Bianca Marie	—
RJ	Subúrbio à noite	Frank Gasparelly	—
RJ	Eros	Frederico Jorge Dantas	—
RJ	Aliança Ativ. Homos.	Frederico Jorge Dantas	—
RJ	La Saison	Jésica Shelley	—
RJ	O Centauro	Anita Chambarely	—
RJ	O VIC	Katherine Wood	—
RJ	O Grupo	Georgette de la Cruz	—
RJ	Darling	Idem e Agildo Guimarães	—
RJ	Gay Press Magazin	Claude Auger	—
RJ	20 de abril	Bette Taylor	—
RJ	O Centro	Bette Taylor	—
RJ/NIT	O Estábulo	Dalia Lavi	—
RJ/NIT	Os Felinos	Gato Preto	—
RJ/NIT	Opinião	Gigi Berger	—
RJ/NIT	O Mito	Antonio Kalas	—
RJ/CAM	Le Sophistique	Adriana Gueiros	—
RJ	O Galo	*	—
BA	O Gay	Jackie de Maga	—
BA	Gay Society	Jackie de Maga	—
BA	O Tiraninho	Orlando Andrade	—
BA	Fatos e Fofocas	Waldeilton di Paula	—
BA	Baby	Waldeilton di Paula	—
BA	Zéfiro	Waldeilton di Paula	—
BA	Little Darling	Waldeilton di Paula	—
BA	Ello	Waldeilton di Paula	—
RJ	Gente Gay	Agildo B. Guimarães	1976
SP	Mundo Gay	A.M.K.	1977
RJ	Entender	Frederico Jorge Dantas	1977
RJ	Lampião	Aguinaldo Silva	1978
BELÉM	Gay Zeppelin	*	1979
RJ	Galeria Alegria	Glauco Matoso	1979
RJ	Pleigui	Aguinaldo Silva	1981
RJ/BF	Boca Negra	Faísca & Pandora	1981
RJ	Gayvota	*	1982

FONTES: *Jornal Lampião*  
*Jornal Mundo Gay*  
*Revista Manchete*

RJ/NIT — Niterói  
 RJ/CAM — Campos  
 RJ/BF — Baixada Fluminense

Após o surgimento do *Lampião*, sem dúvida alguma o único que conseguiu resultados mais profundos na luta contra a discriminação e o isolamento (muito embora ele rejeitasse ser veiculado como um jornal homossexual), passou a crescer o desejo de união e luta em inúmeros gays nos mais diversos pontos do País e, em março de 1979, vinha a público a notícia da existência, desde maio de 1978, de um grupo de homossexuais organizados: o *Somos/SP*. Em seguida, também em São Paulo, aparecem os grupos *Eros* e *Libertos* (Guarulhos). No Rio de Janeiro, mais precisamente na Baixada Fluminense, surge em julho de 1979, o Grupo de Atuação e Afirmação Gay – GAAG

Por ser oriundo de uma região tão marginalizada como é a Baixada, integrantes de um outro grupo em formação no Rio e outros ativistas do movimento adotaram em relação a este grupo uma atitude entre paternalista e discriminatória, chegando a se propor o encampamento do GAAG pelo *SOMOS/RJ*, que sequer estava constituído. Era nítida a imagem preconceituosa que tinham do pessoal da Baixada, aos quais se referiam quase como a seres de outros planetas ou animais raros em exposição.

Atentos a isto, os integrantes do GAAG resolveram se afastar de contatos externos (comparecendo porém ao 1º Encontro de Grupos Homossexuais, realizado no auditório da ABI, no RJ) e concentrar suas forças em desenvolver um trabalho voltado para sua própria realidade, por entender que somente após uma boa solidificação do grupo, com realização de trabalhos concretos, saindo das discussões teóricas para um trabalho prático, é que poderia partir para encontros externos, pois estaria mais coeso e maduro, tendo portanto melhores condições de enfrentar o paternalismo e a discriminação existentes dentro do próprio movimento.

Infelizmente porém, em virtude de a maioria de seus integrantes ter que dividir o tempo entre trabalho e estudo, gastando em média três a quatro horas diárias no percurso entre trabalho e residência, alguns trabalhando até mesmo aos sábados, sobrando portanto, pouquíssimo tempo livre para se desenvolver um trabalho desse porte, além de ter que enfrentar divergências internas, falta de espaço para as reuniões e imaturidade de seus integrantes, começou a aparecer sérios impasses entre seus membros e o grupo se extinguiu.

Apesar de breve a existência deste grupo (GAAG) ele foi o único essencialmente popular (tanto no que se refere a origem de seus mem-

bro quanto à sua proposta). Todos os demais tinham características elitistas, burguesas: eram grupos de “artistas, intelectuais e profissionais liberais”, conforme reconhecem Peter Fry & E. McRae; jovens classe média que dispunham de tempo, meios de luta e organização, coisas que faltavam ao GAAG. E embora fossem todos homossexuais, havia o inevitável conflito de classes e a ideologia igualitária na prática não funcionava tão bem — “é que há distância entre intenção e gesto”<sup>7</sup>.

Para nós que somos da Baixada e participamos deste grupo, o GAAG está para o movimento homossexual tupiniquim assim como a Conjuração Baiana está para o processo de independência do Brasil: ambos de existência breve, com objetivos concretos, mas sem os meios mínimos indispensáveis para realizá-los. Porém, ambos *sui-generis*, visto que nitidamente populares, saídos das camadas mais pobres e marginalizadas da população, e tanto um como o outro esquecidos e ocultados pela história oficial.

É preciso, portanto, que se insira o GAAG no seu justo lugar na história recente que se está constituindo do movimento homossexual brasileiro. A maioria das mudanças políticas e sociais ocorridas em nosso País se deu em consequência da atuação de grupos de elite, sem nenhuma participação do povo. Nossos movimentos oficiais sempre seguiram o sentido de cima para baixo — e isto está fartamente documentado em nossa história real (não a oficial). Aqueles poucos que seguiram o sentido correto (de baixo para cima), foram sempre ocultados e minimizados pela versão oficial que, por coincidência reveladora, é manipulada por uma “elite”.

Embora tenha existido cerca de 24 grupos homossexuais organizados<sup>8</sup>, os que mais se destacaram foram: *Somos/SP*; *Ação Lésbico-Feminista/SP* (dissidência do primeiro); Grupo Gay da Bahia (o único que tem existência jurídica); e *Beijo Livre/Brasília*.

Com o fechamento do jornal *Lampião*, o desaparecimento de vários grupos e divisões de outros tantos, o movimento homossexual brasileiro teve uma profunda retração. Como dissemos, embora o *Lampião* rejeitasse o papel de porta-voz dos grupos, o fato é que sem dúvida alguma ele era o veículo aglutinador e de informação do movimento.

<sup>7</sup> Chico Buarque de Holanda.

<sup>8</sup> Hoje, segundo Luiz Mott, do Grupo Gay da Bahia, eles somam apenas sete.



## GRUPO HOMOSSEXUAIS SURGIDOS NO BRASIL

ÉPOCA	DENOMINAÇÕES	ESTADO
Mai/1978	Grupo Somos	SP
1979	Eros	SP
1979	Libertos/Guarulhos	SP
1979	Associação de Gays de Belém (AGB)	PA
1979	Clube de Reunião das Entendidas (CRE)	PA
1979	Movimento Gay de Belém	PA
Jul/1979	Grupo de Atuação e Afirmação Gay (GAAG)	RJ/BF
Set/1979	Grupo Somos/RJ	RJ
Nov/1979	Grupo Beijo Livre/Brasília	DF
Dez/1979	Grupo Auê/RJ	RJ
Dez/1979	Grupo de Ação Lésbico-Feminista	SP
29.02.80	Grupo Gay da Bahia (GGB)/Salvador	BA
17.05.80	Grupo de Ação Homossexualista/SP	SP
Mai/1980	Grupo Terceiro Ato/Belo Horizonte	MG
Jun/1980	Grupo Somos/Sorocaba	SP
Jun/1980	Grupo de Santo André	SP
Jun/1980	Fração Gay da Convergência Socialista	SP
Jun/1980	Grupo Auê/Recife	PE
Jun/1980	Grupo Outra Coisa	SP
Jun/1980	Grupo Nós Também/João Pessoa	PB
Jul/1980	Grupo de Atuação Homossexual/Recife	PE
Jul/1980	Grupo Opção à Liberdade Sexual – Gols/ABC	SP
Jul/1980	Grupo de Atuação Homossexual – Gathó	PE
Ago/1980	Grupo Bando de Cá/Niterói	RJ
1983	Grupo Arco-Íris	RJ

FONTE: Jornal Lampião  
 Jornal Movimento  
 Arquivos GAAG  
 Revista Manchete  
 Jornal Balcão

Como hoje não existe um outro veículo que informe sobre a atuação dos grupos remanescentes, o trabalho deles fica disperso, sem voz, sem divulgação, restrito unicamente a seus participantes.

Temos procurado atualizar nossas informações a respeito do trabalho que vem sendo desenvolvido por esses grupos, através do envio de inúmeras e persistentes correspondências, mas tudo o que temos conseguido é tão somente o silêncio.

Muita gente se desiluiu com as crises internas do movimento e se desinteressou da participação. Uns procuraram enganjar-se em outros movimentos, outros passaram a lutar através de suas atividades profissionais, realizando pesquisas, publicando livros, escrevendo poesias, peças de teatro, etc. Mas ainda há aqueles que persistem acreditando no poder de realização dos grupos e seguem dando continuidade ao trabalho.

O único grupo que conseguimos saber algo sobre suas realizações recentes (mesmo assim de forma indireta, pois não responde as correspondências enviadas) é o G.G.B. – Grupo Gay da Bahia, que está se mostrando como o mais atuante do momento.

Realizaram em 1982 o 1º Concurso Brasileiro de Poesia Gay que culminou com a publicação de um livreto contendo os 24 melhores trabalhos enviados. Em 1984 abriram o Ano Gay Internacional com a realização (no período de 13 a 15 de janeiro) do IIº Encontro do Movimento Homossexual Brasileiro e, em 13 de fevereiro, realizaram um ato público na Praça Castro Alves, em Salvador, reivindicando a exclusão do homossexualismo da Classificação Internacional de Doenças (Código 302) e criticando a encíclica do Papa João Paulo II. Em junho, conseguem que a Câmara Municipal de Salvador promova uma sessão especial para a comemoração do Dia Mundial do Orgulho Gay (28.06) e saem em passeata pelas ruas da cidade até a Câmara, onde são homenageados, recebendo à entrada, rosas e cravos brancos, oferecidos pelo Poder Legislativo Municipal<sup>9</sup>.

Em termos de Baixada Fluminense, mesmo após o término do GAAG o desejo de união e luta tem permanecido em muitos de nós e se tem organizado jogos, maratonas, concursos de mímica, shows, jornais artesanais, etc., com o objetivo de aproximar os entendidos, gays, lésbicas, sapatões, bichas, bofes, travestis, sapatilhas, sapatecas, diminuindo o isolamento, estimulando a reflexão crítica da realidade à nossa volta, o espírito de luta e companheirismo.

A maior dificuldade do movimento é, sem dúvida alguma, conseguir convencer os homossexuais a deixarem de lado seus medos e individua-

<sup>9</sup> O responsável pelo requerimento da sessão especial no Dia do Orgulho Gay foi o vereador Raimundo Jorge, do PMDB, que demonstrou com isso cumprir o programa democrático do Partido.

Em 16.05.1984, a Deputada Estadual Ruth Escobar (SP) propõe moção contra a discriminação aos homossexuais, de modo que o homossexualismo deixe de ser considerado oficialmente como desvio e transtorno sexual.

lismo, e partirem para uma organização com melhor forma de luta contra a discriminação, a violência, a perseguição. Mas apesar deste obstáculo (que não é privilégio do movimento homossexual, mas de qualquer movimento político em nosso País), muitos são os homossexuais conscientes que ainda têm esperanças de um dia ver seus sonhos se tornarem realidade: uma sociedade mais justa, onde não haja discriminações sociais, raciais, culturais ou sexuais; onde a convivência pacífica de todas as correntes ideológicas e o respeito às garantias e aos direitos de cada cidadão seja um fato e não uma utopia marginalizada.

Pode ser que para alguns isto não tenha o menor sentido, mas para nós é este sonho que nos impele a seguir em frente, a ressurgir dos cárceres, das catacumbas. Como disse Martha Shelley, da Frente de Liberação Gay (EUA), "nunca se livrarão de nós — porque nos reproduzimos nos seus próprios corpos".

Fazemos nosso o recado dos homossexuais reunidos em Salvador no IIQ Encontro do Movimento Homossexual Brasileiro: "ser homossexual não é crime, não é doença, não é pecado. Não tenham medo de se assumir; conquistem sua liberdade, lutem pelos seus direitos, se organizem. Somos milhões e estamos em toda a parte! Saia da gaveta! É legal ser homossexual!"

"1984 — Ano Gay Internacional  
163 anos da destruição da Inquisição  
do Santo Ofício"

## CONCLUSÃO

Procuramos, com este trabalho, mostrar que o homossexualismo não é nenhum bicho-de-sete-cabeças, não passando de um fato social como qualquer outro e que como tal incorpora as mesmas características da sociedade (padrões sexuais rígidos, luta de classes, disputa pelo poder, egoísmos, contradições, antagonismos, etc.), não podendo de forma alguma ser encarado isoladamente, fora do contexto global que está inserido.

Vimos como são forjados conceitos e crenças que têm por objetivo marginalizar, oprimir, cercear a liberdade ao prazer (direito inerente a todos os seres) e que, envolvidos pelo sistema, a maioria das vezes não nos apercebemos desses mecanismos de controle social e os reproduzimos mecânica e inconscientemente, passando a desempenhar um papel de perpetuadores da opressão, embora nós mesmos os oprimidos. Vimos também que apesar do movimento homossexual brasileiro ter procurado destruir a imagem do homossexual como um ser "anormal" e "doente" que a sociedade faz questão de veicular; de ter tentado acabar com a divisão de papéis sexuais estereotipados do padrão de comportamento heterossexual; e estabelecer uma forma de luta contra a repressão, através da união, combatendo o obscurantismo, a ignorância, a alienação, a homossexualidade continua a ser vista e exercitada de forma preconceituosa, cheia de culpas e medos, principalmente nas camadas de mais baixo poder aquisitivo, não tendo o movimento conseguido uma penetração maior entre os gays brasileiros de ambos os sexos, ficando restrito a um reduzido número de pessoas, permanecendo a grande maioria alheia e desinformada.

Deixamos de mencionar todas as teorias sobre a homossexualidade, mencionando somente algumas (freudianas) e de forma bastante superficial, por entendermos que o mais importante, a nível concreto, para o indivíduo, é ele poder libertar-se do peso opressor a que está amarrada a sua sexualidade. Pensamos que o que importa não é tanto o homossexual saber por exemplo em que grau da Escala Kinsey ele está enquadrado, ou se a sua homossexualidade adveio de uma fixação na fase epidiana. Para nós importa realmente é se analisar a forma com que os